

A MINORIDADE COMO OPÇÃO PELO SEGUIMENTO A CRISTO

MINORITY AS AN OPTION TO FOLLOW CHRIST

Kleber Moresco¹

João Henrique Santana²

RESUMO

Este trabalho visa refletir sobre a minoridade e contextualiza-la dentro do seguimento de Cristo. A minoridade é um valor evangélico muito caro a Francisco de Assis, e apresentada como indispensável para aqueles que desejam ingressar nos grupos franciscanos. Algumas das consequências da minoridade são a pobreza e a dependência, que não são vistas como virtudes ou metas para grande parte das pessoas. Diante disso, é necessário questionar se o discurso sobre minoridade não se tornou anacrônico ou inadequado para a atualidade. O método utilizado para verificar essa possibilidade foi retomar os fundamentos da minoridade e identificar quais são as conexões que esse comportamento implica dentro da forma de vida franciscana. De forma transversal é possível estabelecer comportamentos alternativos à minoridade e criar hipóteses sobre suas consequências. As relações fraternas, são baseadas no Evangelho, mas organizam-se de forma prática com estruturas hierárquicas de poder. A conciliação entre a minoridade e a função da autoridade é muito delicada. Além disso, a função do superior interage com comportamento de vanglória, inveja e julgamentos, como entender isso como elementos no caminho de seguimento a Cristo é um questionamento profundo. A ideia de minoridade permeia diversos aspectos da vida espiritual, social e pessoal. Dessa constatação nasce também a necessidade de identificar quando a minoridade se torna uma forma de abrir mão da responsabilidade de fazer escolhas, e uma oportunidade de delegar a responsabilidade a outros. Talvez o ponto central da discussão seja entender se o discurso sobre a minoridade é prático ou se permanece apenas como uma elaboração teórica, mas sem aplicabilidade.

Palavras-chave: Autoridade. Cristo. Minoridade. Responsabilidade. Seguimento.

ABSTRACT

This work aims to reflect on minority and contextualize it within the following of Christ. Minority is an evangelical value very dear to Francis of Assisi, and presented as essential for those who wish to join Franciscan groups. Some of the consequences of minority are poverty and dependence, which are not seen as virtues or goals for most people. Given this, it is necessary to question whether the discourse on minority has not become anachronistic or inappropriate for today. The method used to verify this possibility was to go back to the fundamentals of minority and identify what are the connections that this behavior implies within the Franciscan way of life. In a transversal way, it is possible to establish alternative behaviors to minority and create hypotheses about its

1 Frade Menor Capuchinho (PR/SC), Especialista em Espiritualidade Franciscana (INSECH), bacharel em teologia (*Studium Theologicum*), licenciado em Filosofia (FAERPI). E-mail: klebmoresco@hotmail.com

2 Frade Menor Capuchinho (PR/SC), doutorando em Teologia Bíblica (PUCPR), mestre em Teologia Bíblica (PUCPR), bacharel em Filosofia (Instituto Eurico de Melo). E-mail: jhsantana1@hotmail.com

consequences. Fraternal relationships are based on the Gospel, but are organized with hierarchical structures of power. The conciliation between minority and the role of authority is very delicate. Furthermore, the function of the superior interacts with vainglory behavior, envy and judgments, how to understand these as elements in the path of following Christ is a profound question. The idea of minority permeates many aspects of spiritual, social and personal life. From this finding also arises the need to identify when minority becomes a way of relinquishing the responsibility of making choices, and an opportunity to delegate responsibility to others. Perhaps the central point of the discussion is to understand if the discourse on minority is practical or if it remains only a theoretical elaboration, but without applicability.

Keywords: Authority. Christ. Minority. Responsibility. Follow.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre propostas de vida nascidas no período medieval requerem um cuidado, pois, precisam considerar os elementos constitutivos que dão identidade à proposta, mas também, discernir com muito cuidado sobre o contexto e as necessidades que originaram essa proposta. Essa atenção faz-se necessária pois a abordagem proposta não adota como método exclusivo uma análise histórica, mas uma reflexão sobre a origem e desenvolvimento da proposta franciscana de minoridade em um grupo que continua atuante.

A minoridade é um elemento da pobreza evangélica, essa virtude aparece em grande destaque no Sermão da Montanha (Mt 5,1-12). Francisco de Assis utiliza a palavra pobreza para referir-se a comportamentos de alguém que se coloca como “menor”, sendo uma opção, e não exclusivamente o fruto de condições externas de precariedade. O processo de “dissecar” os elementos de uma proposta de vida é um pouco artificial, pois na prática uma virtude está diretamente relacionada com a outra. Porém, esse exercício, ainda que genérico, ajuda a separar o estado de pobreza, que muitas vezes é involuntário; de uma opção pela pobreza e pela minoridade. O risco de não fazer essa distinção é cair em um enorme anacronismo, uma vez que a estrutura social da Idade Média, relações de poder, acesso à informação e assistências sociais era muito diferente das atuais.

A pregação e vida de Jesus é a origem da proposta de pobreza e minoridade. Dentro dos termos atuais, Francisco de Assis não seria considerado um teólogo, todavia, cabe ressaltar que “os verdadeiros teólogos são aqueles que *vivenciam* o conteúdo de sua teologia.”³ Todos os santos são teólogos, pois apresentam-se como atualizações do Evangelho. A teologia de Francisco apresenta a minoridade como um dos elementos centrais do seu modo de vida, mas em que grau as condições da época em que ele viveu podem interagir com essa escolha. A dependência entre um valor e o contexto de uma época, torna a vivência desse valor relativo, podendo até chegar a ser inadequado para outros períodos.

Dentro desse estudo, foi dada uma maior atenção aos escritos próprios de Francisco, em detrimento aos escritos de biógrafos. Essa escolha, visa estudar sobre a teologia proposta pelo Santo de Assis, através do modo de vida iniciado por ele e continuado por tantas outras pessoas. Não foi problematizada

3 SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária*. [trad.: Ricardo Gouveia]. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 56.

a questão de autenticidade dos escritos, pois esse tema, requer uma atenção especial e exclusiva, não sendo adequado para a proposta desse estudo. Francisco derivou as suas conclusões daquilo que ele entendeu do Evangelho, especialmente proclamado na liturgia, por isso, é necessário entender a construção teológica que existe em torno da ideia de minoridade, pois a teologia ajuda a explicar e muito as razões que tornam essa virtude tão necessária.

Para verificar se a proposta de minoridade tornou-se anacrônica ou não foi feito um estudo do modo como documentos dos Frades Menores Capuchinhos apresentam esse comportamento. Os Frades Menores Capuchinhos são uma reforma do movimento Franciscano, aprovados em 1528, e que permanecem atuantes até a atualidade. Dentro de alguns dos documentos oficiais desse grupo, a minoridade é muito citada.

O presente artigo está disposto em três capítulos, no primeiro são analisados alguns dos fundamentos que fundamentam a vida em minoridade. Esses elementos envolvem tanto o Evangelho, vida de Francisco e contexto medieval. O comportamento contrário à minoridade também é apresentado como forma de verificar sua real necessidade pela hipótese reversa. No segundo capítulo verifica-se a partir dos documentos dos Frades Menores Capuchinhos, se a minoridade é realmente necessária e como se aplica na vida prática e nas relações hierárquicas que sustentam essa organização. Por fim, no terceiro capítulo, é apresentado alguns dos efeitos práticos e pessoais da aplicação da minoridade. A última sessão visa apresentar se a opção pela minoridade é algo excepcional ou ordinário na vida daqueles que desejam trilhar o caminho franciscano.

“FOI ASSIM QUE O SENHOR CONCEDEU A MIM, FREI FRANCISCO”⁴: FUNDAMENTOS DA VIDA EM MINORIDADE

A vida em minoridade não é uma invenção de Francisco de Assis; ela tem sua origem no próprio Cristo, e busca remeter à Kenosis, que é o movimento de esvaziamento⁵. Deus compadeceu-se pela humanidade a ponto de oferecer a salvação, diante disso, Francisco torna-se menor, peregrino, itinerante e forasteiro, pois essa é a imagem que contempla de Cristo,⁶ a opção pelo Evangelho é o que move e inspira a decisão de viver em minoridade.⁷ “Para Francisco de Assis, a fonte de toda minoridade nasce da atitude de colocar-se diante de Deus”⁸. A minoridade é um “componente da pobreza evangélica”⁹ que

4 *Testamento*. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (Test.1)

5 “[Cristo] estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso Deus, o elevou soberanamente, e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome.” *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Fl 2, 6-9)

6 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 7)

7 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 18)

8 CRÓCOLI, Aldir; ZUGNO, Vanildo Luiz. *Reflexões em torno à minoridade: de Francisco de Assis a Francisco de Roma (I)*. - In: *Revista Grande Sinal*. v. 74, n. 2, p. 183-199, 2020. p. 186.

9 LEHMANN, Leonard. *Vivir la pobreza en la perspectiva de minoridad*. - In: *Selecciones de Franciscanismo*. v. XXXII, n. 95 (2003) 200-212. Disponível em: <https://bit.ly/3kKTDnD> Acesso: 28/11/2022. p. 1. [tradução nossa].

exprime a opção por Deus.¹⁰ Essa opção permite a vida em fraternidade,¹¹ mas não pode ser reduzida a uma eleição de determinada classe social. Existe uma conexão profunda entre a pobreza evangélica e a pobreza material, todavia em última análise a pobreza está em função da construção do Reino de Deus e gratidão a Deus.¹² O sentido da minoridade é teológico, e por consequência transforma o meio social.

A minoridade é fruto da contemplação pois, “todo agir de Deus é um desdobramento do seu amor”¹³, que adquire seu ápice na encarnação e na cruz. A minoridade torna-se a atitude oposta ao pecado original, uma vez que no Éden há um anseio de tornar-se como Deus¹⁴, negando a própria identidade; todavia, a opção pela minoridade consiste em reconhecer que tudo pertence a Ele e louvá-lo pela existência. “Colocado diante de Deus, o ser humano dá-se conta de que a Deus tudo pertence e tudo o que existe dele procede e, por isso, tudo - tanto as coisas materiais quanto as espirituais - são motivo para sua honra e louvor.”¹⁵

A minoridade nasce em Francisco de Assis como estupor diante de Deus que, para libertar-nos do mal e para introduzir-nos na vida divina, não hesitou em dar seu Filho que se fez homem e se fez obediente até a morte de cruz, fazendo-se assim, *menor e submisso a todos*.¹⁶

A submissão a toda criatura está em direta oposição à tentação sofrida por Jesus no deserto¹⁷. A tentação sintetizada nos verbos: ser, ter e poder, revelam os perigos que afetam a missão eclesial, distorcendo a verdadeira compreensão da missão messiânica de Jesus.¹⁸ Tanto a riqueza quanto o prestígio social obscurecem a identidade pessoal e são obstáculos para a felicidade.¹⁹ Apenas o reconhecimento da precariedade e vulnerabilidade da condição humana²⁰ podem subjugar o orgulho, permitindo relações sinceras de interdependência capazes de promover a fraternidade universal²¹.

10 LEHMANN, Leonard. *Vivir la pobreza en la perspectiva de minoridad*. - In: *Selecciones de Franciscanismo*. v. XXXII, n. 95 (2003) 200-212. Disponível em: <https://bit.ly/3INNM9h>. Acesso: 28/11/2022. p. 2.

11 LEHMANN, Leonard. *Vivir la pobreza en la perspectiva de minoridad*. - In: *Selecciones de Franciscanismo*. v. XXXII, n. 95 (2003) 200-212. Disponível em: <https://bit.ly/3KVaGhx>. Acesso: 28/11/2022. p. 8.

12 MORESCO, Kleber. *O trabalho como manifestação da pobreza em visão franciscana*. - In: *Cadernos da Estef*, v. 55, n. 1, p. 75-87, 2016. p. 76.

13 MACHADO, Sidney Damasio; MORESCO, Kleber. *Aspectos Cristológicos na oração “Louvores a Deus Altíssimo”, de São Francisco de Assis*. - In: *Revista Basiliade*, v. 4, n. 7, p. 83-98, 2022. p. 94.

14 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Gn 3,5)

15 CRÓCOLI, Aldir; ZUGNO, Vanildo Luiz. *Reflexões em torno à minoridade: de Francisco de Assis a Francisco de Roma (I)*. - In: *Revista Grande Sinal*. v. 74, n. 2, p. 183-199, 2020. p. 186.

16 *Nossa Vida Fraterna em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: *Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini*, 2004. (VII CPO 6)

17 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Mt 4, 1-11)

18 MCKENZIE, John. *Evangelio segun San Mateo*. - In: *Comentário Bíblico San Jeronimo*. [Tomo III]. Crisandad: Madrid, 1972. p. 180.

19 MORESCO, Kleber. *O itinerário de seguimento proposto por Santa Clara*. - In: *Scintilla*, v. 15, n. 1, p. 161-186, 2018. p. 169.

20 *Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenação dos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco*. [trad.: Conferência dos Capuchinhos do Brasil]. Porto Alegre: Estef, 2014. (CONST 62).

21 MORESCO, Kleber. *O trabalho como manifestação da pobreza em visão franciscana*. - In: *Cadernos da Estef*, v. 55, n. 1, p. 75-87, 2016. p. 85.

Por causa de sua miséria, fragilidade e corrupção, de seu pecado e da sua rebelião, o homem não pode sentir-se humilde (próximo do *húmus*, a terra), isto é, caído, menor. No reconhecimento do seu estado, e na aceitação da necessidade de redenção, o homem abre a porta da salvação. Quando, ao contrário, se fecha em seu orgulho, e na autossuficiência, quando não aceita ser menor e pobre diante de Deus, se arrisca a perder a salvação eterna, adquirida por Cristo.²²

“Francisco encontrou o fundamento da minoridade no Deus-Homem, no Cristo Crucificado de São Damião, passando, porém, através do leproso,²³ estas experiências estão inseridas dentro do contexto de fracasso dos planos cavalheirescos. Francisco entende que a lepra, que muitos levavam na pele, tantos outros a carregavam na alma,²⁴ também ele precisou reconhecer-se como leproso, para modificar suas antigas relações e entender quem ele de verdade era. “Onde já não conseguimos fazer mais nada, onde nossas próprias idéias fracassaram, onde segundo os padrões humanos tudo dá errado, é aí que Deus quer nos tocar e nos mostrar que tudo é graça.”²⁵ Quando os planos de Francisco fracassam ele encontra um leproso, ele encontra-se, ele encontra Cristo.

Os planos humanos tendem ao fracasso, todavia, a graça de Deus vem em socorro e opera o bem mesmo diante da debilidade humana. Por isso, aquele que reivindica para si o mérito do bem operado torna-se ladrão. “Come da árvore da ciência do bem aquele que se apropria de sua vontade e se exalta dos bens que o Senhor diz e opera nele.”²⁶ A vanglória é a usurpação do mérito de Deus operado através de cada pessoa.

A vanglória como antítese da minoridade encontra embasamento em duas cartas paulinas²⁷. O termo grego utilizado para vanglória é *kenodoxia*. O texto de *Filipenses 2,1-5* é utilizado como prólogo do importante hino cristológico de *2,6-11*. Tal sessão determina alguns pontos de suma importância na dimensão eclesiológica no conjunto dos ensinamentos da carta. Aquilo que estava no coração de Cristo, em sua mente, em seu olhar e ações necessita estar presente nas comunidades cristãs.

Portanto, pelo conforto que há em Cristo, pela consolação que há no amor, pela comunhão no espírito, por toda ternura e compaixão, levai à plenitude minha alegria, pondo-vos acordes no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento, nada fazendo por competição e vanglória²⁸, mas com humildade²⁹, cada um os outros superiores a si mesmo, nem cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento em Cristo Jesus (...).³⁰

22 LEHMANN, Leonard. *Vivir la pobreza en la perspectiva de minoridad*. - In: *Selecciones de Franciscanismo*. v. XXXII, n. 95 (2003) 200-212. Disponível em: <https://bit.ly/3ZHRPuB>. Acesso: 28/11/2022. p. 4. [tradução nossa].

23 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 8-9)

24 MANSELLI, Raoul. *São Francisco*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 43.

25 GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a partir de si mesmo*. [trad.: Herbert de Gier e Carlos Almeida Pereira]. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 65.

26 *Admoestações*. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (Adm 2,3)

27 A primeira em *Fl 2,1-5*; a segunda em *Gl 5,26*.

28 *Grifo nosso*.

29 *Grifo nosso*.

30 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (*Fl 2,1-5*)

Num primeiro momento, a cristologia presente nesse trecho do capítulo 2 faz um movimento da teoria para a práxis cristã. Sendo assim, de maneira a incentivar os seguidores do Evangelho, o autor se volta para o comportamento da comunidade e as relações interpessoais. O anúncio cristão não deve ficar à mercê de rivalidades, rixas ou disputas, mas caminha de forma conjunta.

No versículo de *Fl 2,3* aparece o conceito de *kenodoxia*, “vanglória”. No texto encontra-se um veto duplo e explícito, pois o expressa “nada por rivalidade/competição e vanglória”. A *kenodoxia* é opinião, postura, filosofia de ação vazia³¹. As rixas seriam o esvaziamento da *Boa Nova*. A ostentação e o orgulho geram vanglória, isto é, glória vã, honra fútil.³²

Em contrapartida, o oposto de *kenodoxia* é *tapeinophrosynê*: “humildade”, ou ainda, a própria minoridade. A humildade/minoridade é o antídoto para a vanglória, pois é o ato e a virtude decorrente de humilhar-se, rebaixar-se. *Tapeinophrosynê allêlous* é uma nova forma de convivência, o outro é maior, uma reciprocidade invertida, onde o outro é maior do que eu.

A unidade que Paulo anseia ver na vida e no serviço dos cristãos exige verdadeira humildade e deixar de lado todo interesse de vanglória, soberba e egoísmo. Sendo assim, as competições, as rixas, a vanglória e o partidarismo são os inimigos teimosos e traiçoeiros da Igreja e da fraternidade. Estes deveriam ceder lugar à humildade/minoridade e consideração dos outros como superiores a si mesmo (não necessariamente como se fosse superior, mas merecedor de tratamento especial)³³. Desta forma, assim como a humildade deve ser a antítese da vanglória, a consideração pelos irmãos é o oposto da contenda e das ambições egoístas. O exemplo ou a lição máxima nessa perspectiva é o “lava-pés”³⁴.

O lava-pés é símbolo das atitudes que superam a justiça e entram no campo da atuação da graça imerecida. “Enquanto que a misericórdia de Deus é o transbordamento da sua bondade infinita, a nossa misericórdia é fruto da experiência de fragilidade humana.”³⁵ Ao reconhecer-se o ser humano é levado a louvar a Deus pois entende que tudo é graça. Francisco, ao contemplar a criação e a encarnação, entende que a existência é uma forma de manifestar a gratidão e retribuir a Deus o dom recebido.³⁶ No Testamento diversas vezes Francisco afirma que o “Senhor me deu” e, depois de ter recebido, recorda como foram profundas as mudanças na sua vida³⁷. Deus concedeu a Francisco tanto a inspiração para viver a minoridade, quanto os irmãos para que o acompanhassem nesse ideal³⁸, portanto, tudo é operação da graça de Deus³⁹.

31 Paulo também aborda esse tema em *Gl 5,26*.

32 MAZZAROLO, Isidoro. *Carta de Paulo aos Filipenses*. Porto Alegre: Coimpressa, 2009. p. 79.

33 Harrisson, Everet. *Comentário Bíblico Moody. Mateus a Apocalipse*. [V. II]. [trad.: Yolanda Krievin]. São Paulo: Editora Batista, 2017. p. 1040.

34 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (*Jo 13,1-20*).

35 MORESCO, Kleber. *Misericórdia: atitude de quem ama*. - In: Grande Sinal, v. 71, n. 1, p. 259-262, 2017. p. 261.

36 MACHADO, Sidney Damasio; MORESCO, Kleber. *Aspectos Cristológicos na oração “Louvores a Deus Altíssimo”, de São Francisco de Assis*. - In: Revista Basíliade, v. 4, n. 7, p. 83-98, 2022. p. 95.

37 *Testamento*. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (*Test*).

38 *Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenação dos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco*. [trad.: Conferência dos Capuchinhos do Brasil]. Porto Alegre: Estef, 2014 (*CONST 175*).

39 *Catecismo da Igreja Católica*. [9 ed.]. São Paulo: Loyola, 2006. (*CIC 799*).

“DEVEMOS SER SERVOS E SUBMISSOS A TODA CRIATURA HUMANA POR CAUSA DE DEUS”⁴⁰: RELAÇÃO ENTRE MINORIDADE E FRATERNIDADE

A vanglória é oposta à minoridade e constitui uma afronta a Deus, uma vez que é a apropriação indevida do bem operado. Ao mesmo tempo, existe uma oposição a nível social da vida em minoridade, e sobre esse perigo, alerta São Francisco de modo muito enfático aos seus frades. “Portanto, todo aquele que **inveja**⁴¹ seu irmão pelo bem que o Senhor diz e faz nele, incorre no pecado de blasfêmia, porque **inveja**⁴² o próprio Altíssimo, que diz e faz todo bem.”⁴³ Na Sagrada Escritura geralmente a atuação de Deus acontece através de mediações, envolvendo os patriarcas, os profetas, Maria e a Igreja como destinatária e continuadora da missão de Cristo e do Espírito Santo.⁴⁴

O risco que se esconde por trás da vanglória e da inveja é o desejo de tornar-se controlador do bem operado, invertendo os papéis entre autor e mediação. Tal sensibilidade foi captada e expressa na Oração da Paz, que é popularmente atribuída à São Francisco.⁴⁵ A primeira petição invoca o desejo de ser instrumento nas situações necessárias (ódio, ofensa, discórdia, dúvida, erro...). Logo em seguida é proposto um abandono do orgulho próprio em direção a uma postura de compaixão e solidariedade, manifesta na atitude de oferecer consolo, compreensão e amor. Por fim, o orante manifesta a sua esperança em receber, ser perdoado e viver eternamente. Em toda oração o protagonismo é de Deus, e em momento algum o fiel manifesta o desejo de controlar o bem operado pela graça através de si ou de outros.

A fraternidade e a opção pela minoridade são elementos essenciais do carisma franciscano,⁴⁶ todavia, a prática do carisma supõe a atuação constante da graça de Deus para que os ideias sejam colocados em prática.⁴⁷ O castigo dado a Caim depois de ter matado Abel⁴⁸ é a expulsão da presença do Senhor.⁴⁹ Por analogia é possível entender que o afastamento da presença de Deus gera ao mesmo tempo a impossibilidade da vida fraterno-minorítica e fomenta comportamentos como a inveja, que em última instância visam aniquilar o irmão.

40 2 Carta aos Fiéis. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (2 Fi 47)

41 Grifo nosso.

42 Grifo nosso.

43 *Admoestações*. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (Adm 8,3)

44 *Catecismo da Igreja Católica*. [9 ed.]. São Paulo: Loyola, 2006. (CIC 737).

45 “Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa Paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor, onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz! Ó Mestre, fazei que eu procure mais: consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado. Pois é dando, que se recebe. Perdoando, que se é perdoado e é morrendo, que se vive para a vida eterna! Amém”. *Oração da Paz*. Disponível em: <https://bit.ly/3Jbd9D3>. Acesso: 04/12/2022.

46 *Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenação dos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco*. [trad.: Conferência dos Capuchinhos do Brasil]. Porto Alegre: Estef, 2014 (CONST 4).

47 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 26)

48 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Gn 4, 1-16)

49 MALY, Eugene. *Genesis*. - In: *Comentário Bíblico San Jerônimo*. [Tomo I]. Crisandad: Madrid, 1972. p. 76.

A ausência da minoridade acarreta como consequência a desintegração de relações fraternas, e isso é expresso na Sagrada Escritura. No livro dos Juízes, a parábola do espinheiro, que representa a instauração da monarquia, é uma profunda crítica à transição de governo operado naquele período.⁵⁰ Na compreensão de Crossan, “os melhores não têm tempo para serem reis; por isso costuma acontecer que os indignos aceitem o papel de monarca.”⁵¹ A monarquia é símbolo de uma submissão a alguém que cumpre sua própria vontade, não à vontade do Senhor.⁵² Essa crítica ajuda a elucidar o fato de que a fraternidade não subsiste onde não há uma opção pela minoridade. Essa narrativa também demonstra a deturpação no exercício da autoridade.

Na Carta a um Ministro, Francisco insiste que a obediência do ministro é suportar as dificuldades implícitas no exercício da sua função. Portanto, exercer o poder pode ser uma opção de minoridade, o elemento determinante é a motivação pelo qual esse poder é exercido.⁵³ As *Constituições dos Frades Menores Capuchinhos* indicam que “todos os frades, servindo o Senhor em minoridade, recordem-se que, acima de todas as coisas, devem desejar ter o espírito do Senhor e sua santa operação.”⁵⁴ A autoridade é constituída por Deus⁵⁵ quando serve à vontade divina. Tendo em vista que o Espírito Santo sopra onde quer,⁵⁶ o exercício da autoridade é constitutivamente temporário na tradição franciscana.⁵⁷ Essa prática induz à compreensão de que a graça de Deus supera a eficiência humana⁵⁸, até mesmo (ou especialmente), no discernimento da vontade divina.

A reflexão sobre a inveja torna-se elementar quando a preparação (intelectual, administrativa ou outras) não determina necessariamente um apurado discernimento para ouvir e cumprir a vontade de Deus. De uma forma um tanto quanto caricata, Frei Junípero é apresentado como um grande exemplo de minoridade, ele se contentava com as tribulações sem demonstrar tristeza, era compassivo, piedoso, obediente, humilde⁵⁹ dentre tantas outras virtudes. A pesar de todas essas virtudes, Junípero em momento algum ele torna-se guardião e permanece incompreendido nas suas atitudes. Outra narrativa que apresenta essa mesma incompreensão é a chamada “Perfeita [ou Verdadeira] Alegria”,⁶⁰ onde Francisco não é mais bem-vindo no grupo que ele mesmo deu início. Muitas vezes a opção por cumprir a vontade de Deus torna o sujeito inadequado para exercer com eficiência humana o cargo de autoridade.

50 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Jz 9,8-15).

51 CROSSAN, John Dominic. Jueces. - In: *Comentário Bíblico San Jeronimo*. [Tomo I]. Crístandad: Madrid, 1972. p. 433. [tradução nossa].

52 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (1 Sm 8,10-22)

53 Ao mesmo tempo que o apego ao cargo é um perigo (*Adm 4*), igualmente é perigoso aquele que se deixa seduzir pelos elogios (*Adm 20*) ou aqueles que de algum modo desejam cargos para exercer o poder sobre outros (*RnB 7,1-2; 9,1-2*).

54 *Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenação dos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco*. [trad.: Conferência dos Capuchinhos do Brasil]. Porto Alegre: Estef, 2014. (CONST 38).

55 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Rm 13,1)

56 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Jo 3,8)

57 *Nossa Vida Fraterna em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 24).

58 *Catecismo da Igreja Católica*. [9 ed]. São Paulo: Loyola, 2006. (CIC 797-801).

59 Vida de Frei Junípero. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (VJ 3; 4; 6; 8)

60 I Fioretti. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (Fior 8)

O discurso sobre a minoridade pode parecer idealizado apenas quando se afasta dos elementos práticos próprios do seguimento de Cristo, que são a pobreza, itinerância,⁶¹ obediência, fraternidade...⁶². Ao mesmo tempo que esses aspectos da minoridade constituem um meio para a construção do Reino de Deus e da fraternidade universal; também podem ser vistos como um fim, a partir do momento que promovem a vida e liberdade plenas, identificando o fiel com Cristo.

A minoridade e fraternidade são elementos intercambiáveis e igualmente indispensáveis para o seguimento de Cristo e para o carisma franciscano.⁶³ A minoridade além de ser uma opção também torna-se uma necessidade prática dentro da fraternidade, pois “o trabalho em equipe é um dos rostos da minoridade.”⁶⁴ Formas de relacionamento individualistas e egoístas são reflexos de uma inveja prática, e fazem com que alguém seja excluído (ou auto excluído) do projeto elaborado por Deus e confiado pelo Espírito à humanidade.⁶⁵

Talvez seja interessante deixar um pouco de lado a ideia de que Deus comunica uma vontade outrora oculta aos seres humanos, ao invés disso, entender a vida humana como cumprimento de uma vontade já revelada. Por mais que durante a história da salvação Deus tenha contado com grandes profetas, líderes, juizes, apóstolos..., mas os dons confiados a cada uma dessas pessoas estava em função do bem de toda comunidade. “Para Francisco, manter-se como menor e, a partir desta minoridade, dar testemunho do Evangelho, além de ser garantia da própria salvação, é o caminho para a transformação da Igreja e a conversão de todo o povo”⁶⁶.

A minoridade supõem reconhecer que Deus assumiu os seres humanos como filhos [em Cristo], desta forma o cuidado mútuo é um exercício de co-responsabilidade envolvendo a todos.⁶⁷ As práticas egoístas ou individualistas retomam a postura monárquica condenada pela Sagrada Escritura, pois estabelecem graus de importância, excluem e oferecem uma falsa sensação de autossuficiência. Viver a minoridade é ter consciência dos limites, sem que isso roube a alegria.⁶⁸ A incompletude é uma forma bem realista de olhar para a própria condição humana, quando nos afastamos de comportamentos como a

61 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 10)

62 *Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenação dos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco*. [trad.: Conferência dos Capuchinhos do Brasil]. Porto Alegre: Estef, 2014. (CONST 64).

63 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 25)

64 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 15)

65 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Jo 10,9-11); *Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenação dos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco*. [trad.: Conferência dos Capuchinhos do Brasil]. Porto Alegre: Estef, 2014. (CONST 16).

66 CRÓCOLI, Aldir; ZUGNO, Vanildo Luiz. *Reflexões em torno à minoridade: de Francisco de Assis a Francisco de Roma (II)*. - In: Revista Grande Sinal. v. 75, n. 1, p. 59-83, 2021. p. 26.

67 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 14)

68 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 33)

vanglória e inveja. A minoridade amadurece e desperta a gratidão pela presença do outro. A opção pela minoridade supõe a submissão em especial das falsas imagens, seja a nível individual ou coletivo.

“NADA TE PERTENCE”⁶⁹: A CONEXÃO ENTRE MINORIDADE E MISERICÓRDIA

Deus é a fonte e origem de todo bem,⁷⁰ esse bem é operado na história por meio de mediações, o símbolo mais evidente da mediação de Deus na história da humanidade é a Igreja⁷¹. A história da Salvação atinge sua revelação plena com a vida de Cristo⁷², o qual abriu mão de sua condição divina, para encarnar-se, assumindo os pecados da humanidade e servindo de expiação⁷³. A humanidade coopera com Deus⁷⁴, mas o autor da salvação e do bem é apenas Deus⁷⁵.

Da encarnação até sua morte Cristo evidencia um processo de *Kénosis*, pois a Ele convém a honra, a glória e o louvor.⁷⁶ Cristo opta pela minoridade livremente ao assumir a natureza humana. No caso da humanidade, a postura de minoridade é uma postura natural de colocar-se sinceramente na contemplação de Deus.⁷⁷ A distorção ou indisposição para reconhecer a miséria da situação humana, geram a vanglória e a inveja, pois visam usurpar a autoria do bem operado ou controlar a atuação de Deus.

Ao mesmo tempo que desejar roubar ou controlar a administração da graça são atitudes reprováveis, também um julgamento muito duro é capaz de distorcer a compreensão sobre a minoridade. Celano descreve o conselho dado por Francisco com as seguintes palavras: “Cuidem os irmãos para não se mostrar exteriormente sombrios e tristes hipócritas, mas mostrem-se alegres no Senhor (cf. Is 61,10), sorridentes, agradáveis e convenientemente simpáticos”⁷⁸. A tristeza pode fazer com que o sujeito rejeite ser instrumento da graça, por crer mais força ao pecado do que na atuação mediada de Deus através dele.

“[Francisco] por isso, não queria ver a tristeza estampada no rosto, porque, muitas vezes, ela reflete o desgosto, a indisposição da mente e a preguiça do corpo para toda a boa obra”⁷⁹. A eficiência humana não é critério decisivo para que uma autoridade esteja cumprindo a vontade de Deus, do mesmo modo,

69 Admoestações. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (Adm 5)

70 Louvores ao Deus Altíssimo. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (LD)

71 *Catecismo da Igreja Católica*. [9 ed.]. São Paulo: Loyola, 2006. (CIC 1076; 747).

72 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Gl 4,4)

73 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Fl 2,6-11)

74 *Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenação dos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco*. [trad.: Conferência dos Capuchinhos do Brasil]. Porto Alegre: Estef, 2014. (CONST 16).

75 *Catecismo da Igreja Católica*. [9 ed.]. São Paulo: Loyola, 2006. (CIC 431).

76 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (1 Pd 4,11)

77 Isso pode ser verificado nos atributos que Francisco usa para referir-se a Deus: “Altíssimo e glorioso Deus” (Oração diante do Crucifixo), “Santo [...] Todo-Poderoso” (Louvores a serem ditos em todas as horas); “Altíssimo, onipotente, bom Senhor” (Cântico das Criaturas) ...

78 Segunda vida, de Tomás de Celano. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (2 Cel 128).

79 Espelho da perfeição. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (EP 96). Esse mesmo aviso se repete em 2 Cel 129 e em RnB 7, 15-16.

o limite pessoal não deveria limitar a atuação da graça de Deus. O foco não pode ser em torno da capacidade ou incapacidade humana, o central é a abertura sincera para o Espírito Santo e sua atuação.

“A minoridade é, portanto, uma atitude criatural. Quando mais santo é alguém, se sente mais pecador, pequeno, menor”⁸⁰. No entanto, quando o sentimento impede a vivência dos valores ou em crer na atuação de Deus através de si ou de outros, então essa atitude passa a ser de julgamento e não de minoridade. Toda forma de julgamento é um senhorio exercido sobre o outro (ou sobre si mesmo). O único que pode julgar é o Senhor, pois “aquele que fala mal de um irmão ou julga seu irmão, fala mal da Lei e julga a Lei. Ora, se julgas a Lei, já não praticas a Lei, mas te fazes juiz da Lei.”⁸¹ A dependência pelo comportamento correto indica o caráter utilitário as relações estabelecidas. Se o cumprimento do carisma está condicionado ao erro ou acerto de alguém, o fundamento dessa opção não está em Deus, mas no julgamento humano. Necessariamente a opção por ser menor e fraterno se fundamenta na contemplação de Deus.

A severidade do julgamento humano pode obscurecer a dignidade humana, tornando da vida um merecimento pelas obras realizadas. Uma das narrativas evangélicas que apresenta essa situação é a da mulher pega em flagrante adultério, frente ao julgamento humano, ela havia perdido o direito de viver, mas Jesus se recusa a autorizar a sua execução.⁸² “A lição desse relato não é, portanto, que o pecado não tem importância ou que Deus não está disposto a castigá-lo, mas que Deus estende a sua misericórdia ao pecador para que este se afaste de seu pecado”⁸³. Outro ponto elementar para a presente discussão é que o ser humano não tem o direito de requerer para si, a escolha de quem vive ou morre. Apenas um é o Senhor⁸⁴ que exerce autoridade sobre a vida e sobre a morte⁸⁵.

A adúltera flagrada em adultério é símbolo de uma pessoa publicamente miserável, pois não possuirá mais de nenhum benefício, reputação ou direito. Francisco entendeu que a miséria da condição humana não é consequência exclusiva do pecado, pois ele olha para si mesmo a partir da contemplação de Deus. Em um trecho da Regra não Bulada, assim afirma: “e porque nós todos, miseráveis e pecadores, não somos dignos de proferir vosso nome[...]”⁸⁶. A miséria antecede a dimensão do pecado, ainda que depois dele seja profundamente agravada.

Toda a humanidade é indigna diante de Deus, e mesmo assim, Deus comunica espontaneamente a sua misericórdia e oferecendo a salvação⁸⁷. O pecador é uma oportunidade de conversão para aquele que o acolhe, esse conselho faz parte da carta a um ministro de Francisco: “Não haja no mundo irmão que ao pecar o quanto puder pecar, que, após ter visto teus olhos, nunca se afaste sem a tua misericórdia,

80 LEHMANN, Leonard. *Vivir la pobreza en la perspectiva de minoridad*. - In: *Selecciones de Franciscanismo*. v. XXXII, n. 95 (2003) 200-212. Disponível em: <https://bit.ly/3KZOLG9>. Acesso: 28/11/2022. p. 4. [tradução nossa].

81 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Tg 4,11)

82 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Jo 8, 1-11)

83 VAWTER, Bruce. *Evangelio Segun San Juan*. - In: *Comentário Bíblico San Jeronimo*. [Tomo IV]. Crisandad: Madrid, 1972. p. 467.

84 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Mc 12,32)

85 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (1 Sm 2,6)

86 Regra não Bulada. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (RnB 23,5)

87 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Rm 5,8-9)

caso buscar misericórdia.”⁸⁸ Com esse comportamento é resguardada a dignidade humana daquele que se arrependeu; protegendo o ministro de ser condenado com a mesma severidade com que julga.⁸⁹

“Um traço específico da minoridade de Francisco está na capacidade que o santo de Assis tinha de saber ver além das feridas, dos limites e dos pecados dos homens, acolhendo em todos a presença de Deus.”⁹⁰ A consciência de que nada nos pertence⁹¹ é acompanhada da certeza de que Deus elegeu cada pessoa de forma gratuita e pode utilizar qualquer pessoa como mediação para operar o bem. Deus é o modelo daquele que cuida, perdoa, protege, ensina...; a fraternidade está estruturada no exercício de corresponsabilidade, sintetizado na imagem da mãe.⁹²

Francisco, colocando-se no seguimento de Jesus no caminho da minoridade e da itinerância, mostrou a força libertadora do amor de Deus que redime, cura as feridas, consola os corações e chama à liberdade.⁹³

A opção pela minoridade liberta, pois torna o sujeito mais consciente de sua condição de instrumento, exposto ao fracasso, mas livre da necessidade de julgar (ou julgar-se). Nesse sentido, a minoridade/pobreza é considerada característica própria de Deus e caminho de seguimento para configuração com Cristo⁹⁴.

REFERÊNCIAS

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

Catecismo da Igreja Católica. [9 ed]. São Paulo: Loyola, 2006.

Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenação dos Capítulos Gerais: com a Regra e o Testamento de São Francisco. [trad.: Conferência dos Capuchinhos do Brasil]. Porto Alegre: Estef, 2014.

CRÓCOLI, Aldir; ZUGNO, Vanildo Luiz. **Reflexões em torno à minoridade:** de Francisco de Assis a Francisco de Roma (I). - In: Revista Grande Sinal. v. 74, n. 2, p. 183-199, 2020.

CRÓCOLI, Aldir; ZUGNO, Vanildo Luiz. **Reflexões em torno à minoridade:** de Francisco de Assis a Francisco de Roma (II). - In: Revista Grande Sinal. v. 75, n. 1, p. 59-83, 2021.

88 Carta a um Ministro. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (Mn)

89 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006. (Mc 4,24)

90 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 32)

91 Admoestações. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (Adm 5)

92 Regra aos Eremitérios. - In: *Fontes franciscanas e clarianas*. [trad.: Celso Márcio Teixeira et al.]. Petrópolis: Vozes, 2004. (RE)

93 *Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem*. Roma: Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini, 2004. (VII CPO 7)

94 MACHADO, Sidney Damasio. *Ver para crer: um percurso espiritual artístico e simbólico*. [2 ed]. São Paulo: Angelus, 2021. p. 105.

CROSSAN, John Dominic. Jueces. - In: **Comentário Bíblico San Jeronimo**. [Tomo I]. Crisandad: Madrid, 1972.

Fontes franciscanas e clarianas. [trad.: Celso Márcio Teixeira *et al.*]. Petrópolis: Vozes, 2004.

GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. **Espiritualidade a partir de si mesmo**. [trad.: Herbert de Gier e Carlos Almeida Pereira]. Petrópolis: Vozes, 2004.

Harrisson, Everet. *Mateus a Apocalipse*. - In: **Comentário Bíblico Moody**. [V. II]. [trad.: Yolanda Krievin]. São Paulo: Editora Batista, 2017.

LEHMANN, Leonard. **Vivir la pobreza en la perspectiva de minoridad**. - In: *Selecciones de Franciscanismo*. v. XXXII, n. 95 (2003) 200-212. Disponível em: <https://bit.ly/3EUqJs0>. Acesso: 28/11/2022.

MACHADO, Sidney Damasio. **Ver para crer: um percurso espiritual artístico e simbólico**. 2. ed. São Paulo: Angelus, 2021.

MACHADO, Sidney Damasio; MORESCO, Kleber. **Aspectos Cristológicos na oração “Louvores a Deus Altíssimo”, de São Francisco de Assis**. - In: *Revista Basíliade*, v. 4, n. 7, p. 83-98, 2022.

MALY, Eugene. *Genesis*. - In: **Comentário Bíblico San Jeronimo**. [Tomo I]. Crisandad: Madrid, 1972.

MANSELLI, Raoul. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAZZAROLO, Isidoro. **Carta de Paulo aos Filipenses**. Porto Alegre: Coimpressa, 2009.

MCKENZIE, John. *Evangelio segun San Mateo*. - In: **Comentário Bíblico San Jeronimo**. [Tomo III]. Crisandad: Madrid, 1972.

MORESCO, Kleber. **Misericórdia: atitude de quem ama**. - In: *Grande Sinal*, v. 71, n. 1, p. 259-262, 2017.

MORESCO, Kleber. **O itinerário de seguimento proposto por Santa Clara**. - In: *Scintilla*, v. 15, n. 1, p. 161-186, 2018.

MORESCO, Kleber. **O trabalho como manifestação da pobreza em visão franciscana**. - In: *Cadernos da Estef*, v. 55, n. 1, p. 75-87, 2016.

Nossa Vida Fraternal em Minoridade: VII Conselho Plenário da Ordem. Roma: *Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini*, 2004.

Oração da Paz. Disponível em: <https://bit.ly/3YdAJUc>. Acesso: 04/12/2022.

SHELDRAKE, Philip. **Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária**. [trad.: Ricardo Gouveia]. São Paulo: Paulinas, 2005.

VAWTER, Bruce. *Evangelio Segun San Juan*. - In: **Comentário Bíblico San Jeronimo**. [Tomo IV]. Crisandad: Madrid, 1972.